

"Uma linguagem - quatro olhares"

Certo dia Degas, conversando com Paul Valéry, perguntou-lhe: “Mas afinal o que você entende por desenho?” Ele respondia com seu célebre axioma: “O desenho não é a forma, é a maneira de ver a forma” ¹. Essa forma de que Degas falava era o “**modo de ver as coisas**”, e não o modo de reproduzi-las. A exposição “*Uma linguagem - quatro olhares*” traz esse modo de ver as coisas que Degas falava, os quatro artistas buscam uma linguagem a partir do desenho, entretanto, em quatro visões diferentes.

A pesquisa *Sombra Projetada*² surgiu a partir do mito do desenho de sombra. No relato de Baxandall³, o Velho Plínio contou a história da mulher que inventou o desenho, capturando a imagem ao delinear a sombra lançada de seu amante na parede. Em função disso, surgiu o discurso entre a imagem e o conceito de *Sombra*. Aqui percebe-se a *ausência de um corpo*. Isso se completa com pensamento de Leonardo da Vinci, “A sombra afirma sempre um *isso está ali*. Enquanto o *desenho* de sombra afirma sempre *isso esteve ali*” ⁴. Nesta exposição as figuras foram desenhadas a partir de *Sombras*, o que nos dá indício de que *isso está ali*, a dúvida é: se está presente ou ausente?

Por que as sombras? A sombra está relacionada com a nossa percepção, ou seja, aquilo que vemos ou cremos que estamos vendo, a imagem que nos faz crer sem ver, o conhecimento imperfeito do objeto que Platão falava. E por que ele teria escolhido a *sombra* como um símbolo para contar o mito da caverna? Será a ausência de luz, que pode ter relação com a ausência de informação ou conhecimento? Ou pelo objeto que a projeta, que não é visível?

A obra de Claudia Hamerski compõe desenhos de árvores numa busca pela sua re-significação, no qual a experimentação de novos suportes é também um desafio. Suas imagens são produzidas a partir de fotografia, que ela própria faz, a imagem é captada no mesmo ângulo, eleito o mais

¹ VALÉRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.p.159.

² Donato, Adriana. *Sombra Projetada sobre o corpo*. Monografia de conclusão de curso - Bacharel em Artes Plásticas – Habilitação em Desenho, Instituto de Artes - UFRGS, 2006.

³ BAXANDALL, Michael. *Sombras e luzes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p. 84.

⁴ DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993.p.120.

interessante para o seu trabalho – de baixo para cima – como sendo um desejo de um olhar que vai além. Talvez esse impulso acabe por refletir em sua obra, já que seu desenho traz essa impressão, de algo que transborda, parecendo perder limites.

Seu objetivo é criar a sensação de desencontro, galhos estruturados em imagens que levam a outras imagens, conexões conceituais, entre uma coisa e outra. Alguns conseguem ver cérebro nestes desenhos, estrutura fractal talvez, cópias reduzidas de um todo, há quem considera imagens misteriosas. Todavia poderia dizer-se aqui, que essa estrutura é enigmática, porque o todo funciona como um só, e cada um é parte de um todo. O menor detalhe reflete ao conjunto, bem como um poderia estar sozinho, sem perder seu significado.

Valesca Kuhn nos traz a idéia da própria palavra escrita em seus desenhos; como se fossem signos, os quais falam e explicam. Aparentemente são linhas e manchas que se unem, às vezes aleatoriamente, às vezes intencionalmente. Alguns acidentes como um respingo, podem também se tornar um elemento importante em sua construção. Visualmente, as formas vão surgindo, orgânicas, com movimentos no espaço livre do papel; sem intenções premeditadas, sem desejos certos para o seu fim. Desenhos que nascem pela simples vontade de desenhar.

Embora a artista assim os consideram, estes desenhos tem uma certa profundidade, que vai além da expressão da vontade de escorrer a mão pelo papel. Pode ser difícil de explicar, quem sabe não há uma explicação. O que importa é o olhar. Aqui encontramos uma composição perfeita, são linhas que se entrelaçam em meios de manchas, mais uma vez, o abstrato parece nos trazer uma forma enigmática.

Rafael Araújo trabalha com materiais reciclados, nesta exposição usa retalhos de papel de etiqueta adesiva e pigmento vermelho que sobrou do trabalho da artista que expôs na 5ª Bienal do Mercosul, Niura Bellavinhade, todo material que iria para o lixo. A partir deste papel adesivo: pinta na cor vermelha desenha algumas formas e começa suas colagens. Para esta montagem, usa também o resíduo da exposição do Museu do Trabalho, o qual, considera resíduo do resíduo. Os pedaços de adesivos que ainda possuíam cola, aplicou sobre um outro papel descartado, um fragmento de uma suposta carta de deputado pedindo votos para seus eleitores.

Na intenção de trabalhar com o positivo e negativo, cheios e vazios, começa suas imagens ao acaso, partindo da figura para abstração, criando formas geométricas, formas que transbordam para além do papel, são 16 módulos, formando um políptico.

A obra tem toda uma relação espacial, dialoga diretamente com o espaço, por isso a escolha do local é premeditado, elege uma parede que já possui irregularidades e que se completam com seu trabalho. Para esta montagem escolheu a parede que possui janelas, apropriando-se das formas que já existem, criando outras formas. Algumas assemelham-se com tijolos, a idéia de desfazer ou refazer outro espaço. Assumi o espaço como sendo parte de sua obra.

Ao refletir sobre o desenho em arte contemporânea, questionamos se ainda é considerado interessante para um artista da atualidade, a aplicação de critérios, tais como: textura, grafismo, ranhuras e outras técnicas tradicionais, para se obter um bom trabalho. As possibilidades da contemporaneidade, em poder buscar novas experimentações como forma de expressão no desenho, abrem novos caminhos e se expande para outras categorias: fotografia, pintura, colagem, instalação e outros.

Adriana Donato